

## ■ Leituras oitocentistas da obra de Gonçalves Dias

**CILAINE ALVES CUNHA**

Doutora em Literatura Brasileira, professora no curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.



MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Gonçalves Dias e a crítica portuguesa no século XIX*. Lisboa/Porto Alegre: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, 221 p.

A maioria dos textos reunidos em *Gonçalves Dias e a crítica portuguesa no século XIX* (2010), organizado por Maria Eunice Moreira, obedece aos princípios da história e crítica literária, delimitados a partir da voga do nacionalismo romântico. Construídos como biografias, necrológicos, testemunhos de amigos, cartas, crônicas de jornal, poemas e estudos de obra, muitos autores do livro tomam a obra do poeta romântico como medida do grau de emancipação e evolução do que então se entendia por racionalidade do “caráter” brasileiro. De um lado, a pressuposição de que a consagração de um autor pode levar a literatura de um país ao apogeu e, de outro, a incorporação, pelos estudos de literatura, da experiência de vida do autor como instrumento de análise da obra – esses dois fatores conjugados impelem os artigos do livro a procurar avaliar a poesia de Gonçalves Dias a partir de sua história de vida pessoal, articulando-a com a do Brasil nação.

Na abertura da antologia, o artigo “Futuro Literário de Portugal e do Brasil”, de Alexandre Herculano, dedica-se, em boa parte, a traçar um desalentado diagnóstico das consequências, na cultura, da crise política que Portugal enfrentava. Mobilizando a romântica concepção organicista da história, seu texto metaforiza o presente histórico de seu país pela imagem da noite e pela obsolescência cultural, o que, na literatura, se evidenciaria na improdutividade dos jovens talentos e em uma farta produção literária, supostamente corrompida pela lisonja. Em contrapartida, Herculano compreende que o Brasil encontrava-se na infância diuturna de sua civilização, convivendo com prodigiosas esperanças de um futuro promissor, exemplificadas pela produção poética do jovem Gonçalves Dias.

O texto de Herculano foi publicado em um periódico de Lisboa, em 1847, menos de um ano após o lançamento de *Primeiros cantos*. Já então notabilizado como um dos maiores letrados de Portugal, o texto de Herculano contribuiu para alavancar o processo de glorificação de Gonçalves Dias. A grata surpresa deste escritor com as palavras generosas do romancista português leva-o a incorporá-las como prefácio à segunda edição de seu livro de estreia. Com isso, Dias forjou um padrão editorial para *Primeiros cantos* que vem se repetindo desde então nas sucessivas publicações dessa obra. Em que pese a familiaridade da recepção brasileira com o prefácio de Herculano, o acerto da organizadora ao incluí-lo na abertura do livro evidencia-se ao longo dos demais textos.

A antologia reúne trabalhos de jornalistas, biógrafos, críticos literários, poetas, historiadores, poetas e romancistas portugueses, publicados entre 1847 e 1898. A reunião os distribui ao longo das páginas considerando o tipo de veículo em que foram publicados: jornais, revistas e livros diversos – como dicionários, almanaques, enciclopédias e coletânea de poemas. No interior da antologia, observa-se ainda que a maioria dos artigos editados até a década de 1860 reafirma os elogios de Alexandre Herculano, ainda que os relativizem por discretas ressalvas. Mais proximamente ao fim dessa década em diante, os textos tendem a adotar um maior distanciamento crítico da obra de Gonçalves Dias, às vezes invertendo em diatribe o encômio de Herculano. O modelo inicial lega a seus sucessores um conjunto de temas, imagens e motivos que ressoam pela posteridade.

Entre os que repercutem os elogios de Alexandre Herculano, Lopes de Mendonça e Pinheiro Chagas escapam dos relatos biográficos, constituindo seus textos como estudos da obra. Em “A. Gonçalves Dias”, Mendonça elogia o sentimento de natureza americana na obra desse poeta, admirando a suposta fidelidade com que ela descreve os extraordinários recursos naturais do Brasil,

ilustrada no seu poema “A tempestade”. Valendo-se das categorias de Kant para definir o sentimento de prazer e dor sublime, Gonçalves Dias compõe a tormenta como uma força incomparavelmente grandiosa e ameaçadora, alegoria das rebeliões que eclodiram no Brasil durante a primeira metade do século XIX. Mas para Lopes de Mendonça trata-se da “[...] tempestade do Brasil, da América, que não se assemelha às tempestades da Europa, que maravilha o estrangeiro, agitando em acesso terrível e momentâneo de cólera a face quase sempre meiga dessas regiões deliciosas”.

Com a mira no exotismo, Lopes de Mendonça aproxima o Brasil de um suposto estado de natureza da vida e costumes locais, justapondo trechos das poesias gonçalvinas até que formem o que se entende por rotina no país: o ruidoso trinar dos pássaros e a majestade das florestas brasileiras equiparam-se positivamente quer ao movimento de cobras enroscando-se por troncos de árvores, quer ao rugido do tigre e da onça perturbando o silêncio do sertão. O modo natural e selvagem da vida no país metaforiza-se ainda na convicção de que predominaria na natureza brasileira uma vontade luxuriante, voluptuosa e indolente. Para o crítico português, a impregnação desses hipotéticos traços da cultura local favoreceu a que Gonçalves Dias efetivasse a independência da literatura produzida no Brasil.

Em “A. Gonçalves Dias (Esboço Crítico)”, Pinheiro Chagas evidencia uma tendência flagrante nos estudos de literatura do século XIX. Em sua metodologia, observa-se uma oscilação entre a apreciação estética da obra em questão e a aplicação da ideologia nacionalista para efeitos do julgamento crítico. Mal surge em seu texto, o juízo estético cede lugar a uma discussão sobre o grau e a medida com que a poesia gonçalvina é condicionada pela ideia nacional. Atestando o processo que lentamente substituiu, no julgamento da arte, o manejo de normas poéticas e retóricas por tópicos do nacionalismo, Pinheiro Chagas desloca a “querela” entre clássicos e românticos.

Seu texto recupera as afinidades da poesia de Gonçalves Dias com Tomás Antônio Gonzaga, demonstrando, com argúcia, que o autor de “Canção do exílio” adaptou, em formas poéticas contemporâneas, a doce melancolia, a triste languidez, a solidão nos campos bucólicos e o sentimento da natureza, características de Gonzaga. Com efeito, Gonçalves Dias afastou de sua obra o simulacro do pastor que se dirige a uma pastora muda e estática, mas manteve, da poesia neoclássica, o esforço voltado para transmitir valores edificantes sobre a vida civil, mesmo após vertentes do romantismo terem decretado a finalidade sem fim da arte. Nessa eclética acomodação de princípios da poesia neoclássica e da estética romântica, Dias forja o seu sistema poético como instrumento de comunicação de preceitos capazes de contornar os desarranjos sociais do Brasil, como a escravidão, o arbítrio patriarcal e suas resistências ao Estado centralizador. Mas em Pinheiro Chaves, o aproveitamento, por Gonçalves Dias, de princípios da poesia neoclássica atestaria a dependência da literatura brasileira à portuguesa.

A partir de fins da década de 1860, a emergência da sociologia positivista, do realismo e do naturalismo completa o processo por meio do qual a ironia e o humor vinham deixando, desde fins do século XVIII, de se encantar em uma hierarquia fixa que os instrumentalizava em favor de um discurso pedagógico. Os procedimentos da ironia e do cômico incrustam-se, em geral, no tecido da linguagem literária ocidental, contribuindo para transformar a tragicomédia na forma por excelência com que se representam a personagem de ficção, o indivíduo e a existência humana.

Acompanhando essas modificações, alguns textos reunidos em *Gonçalves Dias e a crítica portuguesa no século XIX*, escritos nesse período, perpetuam o princípio cronológico anterior, ordenador da abordagem da vida, alternando-o, como foi praxe, com passagens digressivas sobre a obra. Mas tendem a repô-lo de tal modo a

minimizar o acento encomiástico que predominava na leitura precedente. Esse tom menos laudatório fornece elementos que aproximam o leitor de aspectos mais agudos da vida de Gonçalves Dias, enfraquecendo ainda a concepção evolucionista da História – às vezes com pinceladas de caricatura –, substituída por um juízo mais próximo das misérias sociais do Brasil imperial.

O verbete do dicionarista Inocêncio Francisco da Silva, de 1867, sobre Gonçalves Dias, reproduzido no *Arquivo Pitoresco*, baseia-se em notas fornecidas por Antonio Henriques Leal, um dos principais amigos maranhenses do poeta. Em meio a essas notas, Francisco da Silva preserva o tom grave do texto original, mas introduz algumas modificações que forjam traços de uma semi-heroicidade, inscrita no apontamento acerca da origem “bastarda” do poeta brasileiro. Lamenta que ele não tenha sido fruto de uma “união legítima e santificada pelas bênçãos da Igreja”.

Em alguns textos do segundo período aqui pontuado, observa-se ainda uma tendência para desconstruir o *leitmotiv* “minha terra é e tem mais”. Apoiando-se em um necrológico de Joaquim Manuel de Macedo, lido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Inocêncio Francisco da Silva fornece, no texto referido, alguns detalhes dos momentos prévios à morte de Gonçalves Dias. Segundo o biógrafo, antes de retornar ao Brasil em 1864, o poeta encontrava-se em Paris realizando tratamento médico. Para tanto, contava com o salário que recebia como um dos responsáveis por uma comissão científica da Secretaria dos Negócios Estrangeiros do Estado brasileiro. De acordo com Francisco da Silva, durante a estadia na capital francesa, os recursos financeiros de Gonçalves Dias escassearam desde que o governo brasileiro encerrou as atividades dessa comissão e suspendeu o salário de seus membros. Sem meios para adquirir passagem de um navio a vapor, Dias viu-se obrigado a retornar ao Brasil na precária embarcação a vela que acabou em naufrágio nas proximidades do Maranhão.

Os poetas Bulhão Pato e Rodrigues Cordeiro testemunham a amizade com Gonçalves Dias durante os seus estudos na Universidade de Coimbra. Ao lado do escritor brasileiro, Cordeiro foi um dos membros do grupo formado em torno do jornal literário *O trovador*, expressão de uma tendência do romantismo português responsável por valorizar práticas poéticas do medievo e por difundir uma lírica sentimental, de cunho pessimista.

Cada um a seu modo, Cordeiro e Pato detalham e perpetuam os preconceitos, e suas consequências psicológicas, vivenciados por Gonçalves Dias em decorrência de sua origem mestiça. No relato da vida do poeta em Portugal, o primeiro deles recorta preferencialmente episódios ilustrativos da extrema pobreza do autor de “Leito de folhas verdes” que o fizera depender, em momentos críticos, de usuários e favores de amigos. Ao recuperar um reencontro, de 1854 em Portugal, com Gonçalves Dias já doente, o amigo impressiona-se com a sua afonia. O texto de Cordeiro destaca ainda que, entre 1846 e 1850, Gonçalves Dias, já alçado à condição de um dos maiores poetas brasileiros, enfrentava dificuldades para sobreviver no Rio de Janeiro. Recorrente em outras biografias posteriores a 1860, essa observação não deixa de apontar os obstáculos que a economia escravocrata impunha à expansão do mercado de trabalho no Brasil e à adoção da ideologia meritocrática.

O pendor mais satírico do artigo de Bulhão Pato desconstrói o motivo da pátria e explicita o fato, subliminar em outros biógrafos, de que “No Brasil, entre aquela poderosa natureza da América – singular destino! – os poetas morrem na flor da vida e tísico. Assim Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias!” A cara floresta dos heróis gonçalvinos destaca-se, no testemunho de Pato, como fonte da insalubridade que minou a saúde do poeta brasileiro. Diante do naufrágio que deu cabo à sua vida, o poeta português conclui: “Oh! A pátria, a pátria, que tão solicita lhe havia dado o berço, era impossível que tão cedo lhe desse o túmulo!/ Ilusões douradas, mas ilusões!”



Outros artigos do segundo período em destaque conferem atenção menor ao nacionalismo de Gonçalves Dias, preferindo aprofundar a discussão, nas palavras de Rangel de Lima, sobre o “chorado poeta brasileiro”. Predominante em *Segundos cantos*, a abundância de poemas compostos sob a forma da elegia passa a ser priorizada e devidamente associada ao diálogo com Lamartine. Nesse novo pendore da leitura sobre a poesia gonçalvina, é possível ainda observar a deterioração de *leitmotiven* românticos em clichê, como o que repercute o culto romântico do sofrimento, adotado como princípio ordenador dos episódios da vida. Mas esse procedimento biográfico também se alterna com a apropriação de procedimentos das fisiologias em voga a partir da segunda metade do século XIX, contribuindo para que o ensaísta Luciano Cordeiro avalie Gonçalves Dias como um poeta “[...] atormentado pela nostalgia – pudera dizer-se pela histeria – da moderna poesia lírica”.

Em outro artigo, “Literatura Brasileira. José de Alencar” (1868), Pinheiro Chagas aproxima os poemas nacionalistas de Gonçalves Dias das desastrosas traduções francesas de Shakespeare, por Jean-François Ducis. A relativização do dom poético do autor de “Canto do Guerreiro” permite que Chagas postule que teria sido com José de Alencar que a literatura aqui produzida conquistara a sua nacionalidade. Em outro artigo (A. Gonçalves Dias, 1866), o mesmo autor aborda a relativa abolição, nas peças teatrais de Gonçalves Dias, das regras fixas ordenadoras dos gêneros. O traço classicizante da argumentação do crítico português pode ser observado em seu gesto de associar negativamente a demolição, por Gonçalves Dias, dos gêneros antigos a sua carga de trabalho como funcionário do Estado brasileiro. Tendo em vista a sua suposta escassez de tempo para se dedicar ao ócio e a correções de suas peças, *Patkul*, *Leonor de Mendonça*, *Beatriz Cenci* e *Boabdil* encerram “notáveis belezas”, mas “[...] não podem ser considerados contudo senão como esboços que a mão do poeta decerto depois corrigiria”.

Confirmando a tendência do período para deseroicizar as condições da existência humana, as seguintes palavras de Camilo Castelo Branco, de 1879, por pouco não fecham o livro *Gonçalves Dias e a Crítica Portuguesa no Século XIX*:

[Gonçalves Dias] sumiu-se tragicamente no mar, como Elias no azul, quando o seu nome era o símbolo da musa cisatlântica, e a sua vida, um pouco falida ao dinheiro, uma glória nacional. Se vivesse mais alguns anos, entraria com seus versos na região glacial do esquecimento, em a menos que não quisesse fazer literatura dândi, poesia de macassar em anos de prosa, iria à Rua do Ouvidor oferecer aos falidos e aos roubados a sua ciência do Código Comercial.

[Recebido em 08 de agosto de 2012  
e aceito para publicação em 08 de agosto de 2012]